

Cajucultura

MARIA DE FATIMA VIDAL

Engenheira Agrônoma. Mestre em Economia Rural.
Coordenadora de Estudos e Pesquisas-ETENE/BNB.
fatimavidal@bnb.gov.br

Resumo: A Costa do Marfim é atualmente o maior produtor mundial de castanha de caju, enquanto o Vietnã é o maior processador. O Brasil, embora seja o centro de origem do cajueiro, detém pequena parcela da produção e do comércio mundial, e vem perdendo competitividade frente aos principais produtores globais. A produção brasileira concentra-se sobretudo nos estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte, e a atividade ainda não se recuperou completamente dos efeitos da última grande seca. As áreas perdidas vêm sendo gradualmente replantadas com cajueiro-anão precoce, o que tende a melhorar a produtividade; no entanto, persistem entraves estruturais e conjunturais que limitam a expansão da atividade. Entre eles, destaca-se a predominância do cajueiro comum, caracterizado por baixa produtividade, a forte dependência da renda proveniente da castanha e a reduzida capacidade de beneficiamento por parte dos pequenos produtores. Grande parte da produção brasileira de castanha é exportada, sendo os Estados Unidos um dos principais mercados, contudo, em decorrência do aumento das tarifas no mercado americano em 2025, tornou-se necessária a diversificação dos destinos de exportação.

Palavras-chave: Nordeste; castanha, caju, produção, mercado

1 Panorama da Produção e mercado da castanha de caju no mundo

A demanda por castanha de caju é crescente na China, Índia, União Europeia e Oriente Médio, além de ser um produto considerado saudável, a castanha também serve de base para a produção de diversos alimentos veganos, como queijos e leites vegetais.

O negócio da cajucultura mundial é dividido entre os países produtores de castanha de caju, e países que possuem uma indústria de processamento em larga escala e que, portanto, são os principais importadores de castanha de caju com casca e os maiores exportadores de amêndoas, concentrando a maior parcela do valor agregado da cadeia produtiva. Assim, são transacionados dois tipos de produtos: a castanha de caju com casca ou não beneficiada, que é exportada principalmente pela Costa do Marfim, Camboja e Tanzânia e a amêndoa de castanha de caju, cujo mercado é dominado pelo Vietnã (**Tabela 1**).

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Rogério Sobreira Bezerra (Economista-Chefe) Allison David de Oliveira Martins (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Biagio de Oliveira Mendes Junior, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Jackson Dantas Coêlho, Kamilla Ribas Soares, Maria de Fátima Vidal, Marta Maria Aguiar Sisnando Silva. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Marcos Falcão Gonçalves (Gerente Executivo), Carlos Henrique Alves de Sousa, Márcia Melo de Matos, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Breno Pereira Aragão, Rhian Erik Magalhães Barboza, Rodrigo Donato Paes e Tamires Pimentel Torres (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

De acordo com dados da FAO (2026), em 2024 foram produzidas 4,2 milhões de toneladas de castanha de caju no mundo em uma área colhida de 6,9 milhões de hectares, os países africanos foram responsáveis por aproximadamente 65% da área colhida e por 60% da produção mundial.

O maior produtor mundial de castanha de caju é Costa do Marfim, com 1,2 milhão toneladas, em 2024. Essa posição foi conquistada, principalmente, devido à grande extensão de sua área cultivada (1,4 milhões de hectares), entretanto, a produtividade também melhorou nos últimos 10 anos, o que contribuiu para um crescimento da produção de 3% ao ano nesse período. Grande parte da produção da Costa do Marfim é enviada para unidades de beneficiamento no Vietnã.

O País é o maior exportador global de castanha de caju com casca, respondendo por quase 30% do comércio mundial do produto em 2024. Os países africanos vêm expandindo gradualmente sua capacidade de processamento, nesse contexto, a Costa do Marfim alcançou 9,4% das exportações mundiais de amêndoas de castanha de caju em 2024, consolidando-se como o segundo maior exportador global (**Tabela 1**).

A FAO não apresenta dados consolidados sobre a produção de castanha de caju no Camboja. No entanto, segundo informações da Associação de castanha de caju do Camboja (CAC, 2026) e divulgadas por veículos internacionais, o país é o segundo maior produtor mundial, atrás apenas da Costa do Marfim. Devido ao número reduzido de fábricas locais, grande parte da sua produção é exportada sem processamento para o Vietnã. Assim, apenas uma pequena fração da safra é processada internamente. As perspectivas de produção no Camboja para 2026 são incertas, em parte devido a condições climáticas adversas que atrasaram o início da colheita (CAC, 2026).

O Vietnã é o maior processador de castanha de caju do mundo, respondendo por mais de 60% das exportações globais de amêndoas (**Tabela 1**). Contribuem para essa posição fatores como o baixo custo de processamento, o desenvolvimento e uso de tecnologias, a elevada escala de produção e o apoio governamental. Entretanto, o país não é um grande produtor de castanha de caju, para abastecer sua indústria de processamento, necessita importar grandes volumes de castanha com casca, o que o torna o maior importador mundial desse produto (**Tabela 2**). Ademais, a política tarifária dos Estados Unidos tem levado o Vietnã a redirecionar parte de suas exportações para a China (Mundus Agri, 2026).

A Índia é um dos principais produtores, processadores e consumidores mundiais de castanha de caju do mundo. Porém, o setor é dependente da importação para atender à demanda interna, sendo o segundo maior importador de castanha de caju com casca do mundo (**Tabela 2**). O Governo indiano vem implementando diversas iniciativas com vistas a aumentar a produção e diminuir a dependência das importações (IBEF, 2025).

O Brasil detém pequeno percentual da produção mundial (3,8%) e do comércio internacional de castanha de caju, em 2024, respondeu por menos de 1% das exportações globais de amêndoas. A cajucultura brasileira ainda não se recuperou plenamente dos efeitos da última grande seca e tem perdido competitividade no mercado mundial.

A União Europeia é o maior importador mundial de amêndoas de castanha de caju, equivalente a 34,2% em 2024, com destaque para a Alemanha e Países Baixos (**Tabela 2**). O Vietnã é o maior fornecedor do produto para a Europa, seguido da Costa do Marfim e Índia (Mundus Agri, 2026).

A demanda europeia por castanha de caju é crescente; entretanto, o preço desse produto no mercado europeu permanece elevado quando comparado ao de outras nozes. Dessa forma, não há grande margem para aumentos adicionais de preço, uma vez que os consumidores dispõem de produtos substitutos e podem facilmente migrar para alternativas mais acessíveis.

Os Estados Unidos são, isoladamente, o maior consumidor global de amêndoas de castanha de caju, em 2024 responderam por 23,7% do total das importações mundiais do produto (**Tabela 2**), tendo o Vietnã como seu principal fornecedor. Em 2025, entretanto, a demanda norteamericana foi afetada negativamente pelo aumento dos custos de importação, decorrente da imposição de novas tarifas sobre as importações de castanha de caju, o que reduziu o volume de compras.

Tabela 1 – Maiores exportadores mundiais de castanha de caju em 2024

País	Castanha de caju com casca			País	Amêndoa de castanha de caju		
	1.000 US\$	Toneladas	(%)*		1.000 US\$	Toneladas	(%)*
Costa do Marfim	790.179	732.196	29,2	Vietnã	2.571.024	489.446	63,8
Camboja	499.585	449.592	17,9	Costa do Marfim	410.904	72.034	9,4
Tanzânia	541.684	428.295	17,1	Países Baixos	351.219	52.552	6,9
Gana	164.836	164.171	6,5	Índia	295.752	41.114	5,4
Guiné Bissau	177.227	123.183	4,9	Alemanha	166.439	22.245	2,9
Burkina Faso	98.524	109.498	4,4	Turquia	44.405	7.048	0,9
Moçambique	98.214	88.542	3,5	Benin	44.153	14.100	1,8
Nigéria	92.024	84.854	3,4	Brasil	43.854	7.555	1,0
Guiné	87.035	80.510	3,2	Bélgica	25.915	5.333	0,7
Senegal	86.203	79.098	3,2	Indonésia	24.917	4.156	0,5
Indonésia	101.465	62.821	2,5	Tanzânia	22.955	4.805	0,6
Demais Países	128.428	104.329	4,2	Demais	241.013	46.317	6,0
Mundo	2.865.404	2.507.089	100,0	Mundo	4.242.550	766.704	100,0

nte: FAOSTAT (2026).

*Participação percentual no volume total de exportação.

Tabela 2. Maiores importadores mundiais de castanha de caju em 2024

País	Castanha de caju com casca			País	Amêndoa de castanha de caju		
	1.000 US\$	Toneladas	(%) *		1.000 US\$	Toneladas	(%) *
Vietnã	1.817.103	1.417.235	52,9	EUA	1.073.430	176.426	23,7
Índia	1.595.658	1.198.895	44,8	Alemanha	428.360	69.625	9,3
Emirados Árabes	38.883	33.929	1,3	Países Baixos	409.770	66.122	8,9
China	11.483	9.940	0,4	China	225.467	40.669	5,5
Tailândia	10.355	3.679	0,1	Turquia	167.923	28.058	3,8
Sri Lanka	3.975	3.193	0,1	Vietnã	145.677	15.775	2,1
Bélgica	2.865	271	0,0	Reino Unido	141.503	25.370	3,4
Argélia	2.215	1.622	0,1	Espanha	135.872	19.958	2,7
Gana	2.076	3.465	0,1	França	135.850	20.876	2,8
Maldivas	1.740	289	0,0	Emirados Árabes	120.884	16.160	2,2
Demais	14.045	6.174	0,2	Demais	1.498.924	266.443	35,7
Mundo	3.500.398	2.678.692	100,0	Mundo	4.483.660	745.481	100,0

FAOSTAT (2026).

*Participação percentual no volume total de exportação.

2 Panorama da cajucultura no Brasil e na área de atuação do BNB

A cajucultura brasileira está concentrado no Nordeste onde a atividade é desenvolvida principalmente por pequenos produtores com baixo uso tecnológico, entretanto é de elevada importância para a geração de renda e postos de trabalho na época mais seca do ano. No Ceará, a castanha de caju em casca representou, em 2024, 13,3% do valor da produção da fruticultura do Estado. No Piauí, essa participação foi ainda mais expressiva, alcançando 21,9%. Vale destacar que, embora grande parte do pedúnculo do caju ainda seja desperdiçada, ele também possui valor econômico, uma vez que é consumido in natura e utilizado na fabricação de diversos produtos, como suco, cajuína e doces. Deve-se considerar, ainda, que o processamento da castanha de caju gera substancial agregação de valor ao produto.

O cajueiro comum, ainda predominante na região, possui potencial genético relativamente baixo, é cultivado sob regime de sequeiro e, devido ao seu porte elevado, oferece dificuldade de controle de pragas e doenças. A baixa produtividade resulta em pequena rentabilidade, o que limita a capacidade dos produtores de realizar os tratamentos culturais necessários, como poda e adubação. Esse conjunto de

fatores acaba por gerar um ciclo vicioso, caracterizado pela deterioração contínua das condições produtivas. Além da baixa produtividade e lucratividade o produtor se depara com escassez de mão de obra, outro fator limitante ao desenvolvimento da atividade na região.

Entre 2012 e 2019, período marcado por intensa estiagem, agravado pela ocorrência de pragas e doenças, a área cultivada com cajueiro no Nordeste foi reduzida em 44,1%. No Ceará, a área destinada à cultura diminuiu 33%; no Piauí, 59,3%; e, no Rio Grande do Norte, 60,3%.

Diante desse cenário, os governos dos três estados, em parceria com diversas instituições, vêm implementando um conjunto de ações voltadas à revitalização da cajucultura. A principal iniciativa tem sido a distribuição de mudas de cajueiro-anão precoce, estratégia que busca renovar os pomares e aumentar a produtividade.

Aliado a esse esforço, o Programa de Desenvolvimento Territorial (PRODETE), do Banco do Nordeste, tem contribuído para a reestruturação da atividade por meio da concessão de financiamento para aos produtores. Após um longo período de estagnação, decorrente das dificuldades impostas pela seca, o crédito destinado ao setor voltou a crescer de forma contínua a partir de 2022, passando de 51 milhões em 2021 para 123,8 milhões em 2025, o que representou um crescimento de 142,2%.

De acordo com dados disponibilizados pela Superintendência Estadual do IBGE no Ceará (SES/CE), entre 2012 e 2015, a área com cajueiro comum no estado caiu 48%, o que corresponde a 158,8 mil hectares. No mesmo período, a área destinada ao cajueiro-anão registrou um aumento de 64%, o que equivale a 45,2 mil hectares a mais. Esse movimento tende a elevar a produtividade média por hectare, uma vez que o cajueiro-anão, mesmo cultivado sob regime de sequeiro, apresenta rendimento superior ao do cajueiro comum, cujos pomares, em geral são mais antigos e de difícil manejo.

Mesmo com avanço do plantio do cajueiro-anão precoce, a recuperação da área e da produção na região tem ocorrido de forma lenta. Em 2024, a área plantada no Nordeste ainda foi 41% inferior à registrada em 2011, ano anterior ao início da seca, e a produção foi 30% menor.

3 Área, produção e valor da produção

Existe no Brasil aproximadamente 450,3 mil hectares plantados com cajueiro, localizados principalmente na Região Nordeste, que concentra 99,8% da área total cultivada no país. Os principais produtores nacionais são o Ceará, onde se encontra mais da metade da área (62,8%), seguido pelo Piauí e pelo Rio Grande do Norte, cujas áreas somam 30,6%. Os 6,7% restantes se distribuem entre os demais produtores da própria região (**Tabela 3**).

Em 2024, o Brasil produziu 159,2 mil toneladas de castanha de caju. O Nordeste responde por quase toda a produção brasileira (99,6%), com destaque para o Ceará que contribuiu com 64% dessa parcela, seguido pelo Piauí (16%) e pelo Rio Grande do Norte com (13%).

No mesmo ano, observou-se uma recuperação de 24% na produção nordestina, após a forte queda registrada em 2023, quando a insuficiência e a irregularidade das chuvas afetaram significativamente a produtividade. O Ceará, maior produtor da região, foi o principal responsável tanto pela redução da produção nordestina no ano anterior, quanto pela recuperação verificada em 2024. Nesse ano, foi registrada uma forte redução na produtividade no rio Grande do Norte, o que repercutiu fortemente na produção que caiu 35,9% e no valor de produção que apresentou redução de 28,4% (**Tabela 3**).

Assim, os principais fatores que contribuíram para o crescimento do valor da produção da região em 2024 foram o aumento do volume produzido no Ceará, aliado aos melhores preços praticados no Rio Grande do Norte e no Piauí.

As estimativas indicam que a produção em 2025 foi inferior à registrada em 2024 sendo esperado também menor valor da produção. O desempenho negativo decorreu de diversos fatores adversos, como ventos fortes e altas temperaturas, que provocaram abortamento de flores, ocorrência de doenças, quadra chuvosa curta e distribuição irregular das chuvas.

Para 2026, o NOAA¹ (2026) indica uma probabilidade de 55% de transição de La Niña para condições de ENSO neutro, com manutenção desse padrão entre maio e julho. Esse cenário pode resultar em volumes de chuva abaixo da média em grande parte do Semiárido.

Tabela 3 – Área plantada, produtividade, quantidade produzida e valor de produção de castanha de caju no Brasil entre 2021 e 2025

Variável	Unidade territorial	2021	2022	2023	2024*	2025**	Part (%) 2024	Var (%) 2023/2024
Área plantada (Hectares)	Nordeste	425.811	423.658	441.054	449.328	457.008	99,8	1,9
	Ceará	271.072	272.292	279.291	282.603	286.637	62,8	1,2
	Piauí	72.332	73.047	73.523	75.547	77.059	16,8	2,8
	Rio G. do Norte	50.345	48.393	58.309	62.167	90.164	13,8	6,6
	BRASIL	427.035	424.889	442.292	450.334	483.744	100,0	1,8
Rendimento (kg/ha)	Nordeste	259	345	288	353	272	-	22,6
	Ceará	232	352	227	361	263	-	59,0
	Piauí	263	297	287	335	191	-	16,7
	Rio G. do Norte	336	378	550	331	276	-	(39,8)
	BRASIL	260	346	290	354	258	-	22,1
Produção (Toneladas)	Nordeste	110.194	146.336	127.118	158.519	124.254	99,6	24,7
	Ceará	62.977	95.714	63.256	101.931	75.261	64,0	61,1
	Piauí	19.020	21.674	20.992	25.318	14.684	15,9	20,6
	Rio G. do Norte	16.920	18.268	32.072	20.546	24.863	12,9	(35,9)
	BRASIL	111.012	147.184	127.929	159.212	124.979	100,0	24,5
Valor da produção (Mil R\$)	Nordeste	513.435	575.954	459.078	687.577	526.730	99,7	49,8
	Ceará	319.884	381.967	226.280	472.049	314.945	68,5	108,6
	Piauí	79.049	82.014	53.064	82.175	50.868	11,9	54,9
	Rio G. do Norte	66.974	67.053	133.671	95.655	113.230	13,9	(28,4)
	BRASIL	515.600	578.264	461.284	689.335	528.077	100,0	49,4

Fonte: IBGE (2026).
 *Dados preliminares
 **Estimativa

4 Comercialização

O principal produto comercializado pelos cajucultores brasileiros é a castanha. A maior parte do pedúnculo é desperdiçada. Embora a Embrapa já tenha desenvolvido diversas alternativas para seu beneficiamento e agregação de valor, essas inovações ainda não foram amplamente adotadas pelos produtores. Assim, o baixo preço do pedúnculo não remunera a colheita.

Os produtores beneficiam pequena parcela da produção de castanha, grande parte é comercializada em casca para atravessadores, que repassam o produto para as indústrias beneficiadoras. Entretanto, tem crescido o nível de organização dos pequenos produtores em cooperativas, tais como:

A Cooperativa dos Beneficiadores Artesanais de Castanha de Caju do Rio Grande do Norte (Coopercaju), sediada na Serra do Mel, que é a principal região produtora do Estado. A cooperativa atua na organização da produção, no acesso a tecnologias e na agregação de valor ao produto de aproximadamente 700 pequenos produtores, fortalecendo a competitividade e a sustentabilidade da atividade no Estado.

No Ceará, os produtores contam com o apoio da Central de Cooperativas (Copacaju), composta por dez cooperativas singulares, que reúnem aproximadamente 600 cooperados. O beneficiamento da castanha é realizado em minifábricas, modelo de unidades de beneficiamento de pequeno porte, desenvolvido pela Embrapa.

1 National Oceanic and Atmospheric Administration dos EUA.

Desde o início do projeto, foram implantadas aproximadamente 60 minifábricas nos Estados do Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, Amazonas, Tocantins, Rio Grande do Norte e Bahia (Embrapa, 2025).

No Piauí, atua a Central de Cooperativas de Cajucultores do Estado do Piauí (Cocajupi), sediada em Picos (PI), que congrega aproximadamente 144 agricultores familiares organizados em três cooperativas singulares.

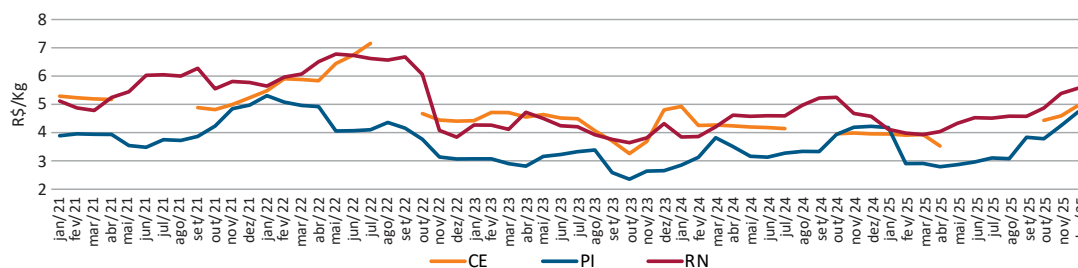
A Bahia, também conta com uma central de cooperativas, a Rede Cooperacaju (Cooperativa dos Cajucultores Familiares do Nordeste da Bahia), localizada no nordeste do estado e composta por aproximadamente 750 cooperados. A Central realiza acompanhamento técnico junto aos produtores e possui marca própria, por meio da qual comercializando diversos produtos à base de caju e castanha, como cerveja de caju, cajuína, carne de caju, castanha natural, castanha assada e pastas de castanha.

Com relação ao preço pago ao produtor da castanha, observa-se um comportamento sazonal, caracterizado pela elevação das cotações durante a entressafra, primeiro semestre, e redução no segundo semestre, em decorrência do aumento da oferta (**Gráfico 1**).

Em 2022 e 2023, os preços apresentaram quedas praticamente contínuas, sem elevação das cotações durante o período de safra. A maior produção registrada em 2022 pode ter contribuído para a redução da demanda pelo produto em 2023, resultando na manutenção de preços em patamares baixos.

Vale ressaltar que a média de preço ao produtor no Rio Grande do Norte é comumente, superior à dos demais estados (**Gráfico 1**), o que pode estar relacionado ao maior nível de organização dos produtores. No final de 2025, a castanha de caju produzida na Serra do Mel, principal região produtora do Rio Grande do Norte, recebeu registro de Indicação Geográfica (IG) na modalidade de Indicação de Procedência.

Gráfico 1 – Preço pago ao produtor por kg de castanha de caju em casca (R\$/kg)



Fonte: CONAB (2026).

4.1 Mercado externo

O Brasil vem perdendo participação no mercado mundial de amêndoas de castanha de caju. Além dos problemas internos relacionados à produção, o país enfrenta forte concorrência do Vietnã, que passou a dominar esse mercado em razão de sua vantagem competitiva no processamento da castanha a baixos custos. Soma-se a isso o avanço da Costa do Marfim, que passou a processar parte da sua produção e a ofertar amêndoas no mercado internacional, apresentando crescimento médio das exportações de 26,9% ao ano entre 2015 e 2024, consolidando-se como segundo maior exportador mundial. Nesse mesmo período, as exportações do Vietnã cresceram a uma taxa média anual de 4%. Em contraste, o Brasil apresentou retração média de 5,3% ao ano.

Em 2025, observou-se um aparente crescimento das exportações brasileiras de castanha de caju (**Tabela 4**). No entanto, esse resultado reflete, na realidade, um movimento de recuperação, uma vez que em 2024 houve forte redução do volume exportado, da ordem de 38%. A queda na produção em 2023 pode ter contribuído para este desempenho negativo das exportações no ano seguinte.

Há perspectivas de expansão da participação das frutas nordestinas no mercado europeu, pois, no início de 2026, foi assinado o Acordo de Livre Comércio entre o Mercosul e a União Europeia. O acordo prevê a redução de tarifas comerciais e possui potencial para incentivar investimentos, além de integrar um mercado de aproximadamente 700 milhões de pessoas, formando uma das maiores áreas de livre comércio do mundo. O tratado ainda deverá ser ratificado por todos os Estados-Membros da União Europeia, em conformidade com seus respectivos procedimentos nacionais, bem como pelos congressos nacionais de cada país integrante do Mercosul.

O Ceará responde por mais de 90% das exportações brasileiras de castanha de caju, sendo que quase todo o volume exportado corresponde à castanha beneficiada (**Tabela 4**). Entretanto, em 2025, o estado exportou um volume expressivo (5,6 mil toneladas) de castanha de caju com casca para Gana, país que abriga uma unidade de beneficiamento pertencente a uma grande indústria brasileira do setor.

O principal destino das exportações brasileiras de castanha de caju são os Estados Unidos e os países da União Europeia. Em 2025, observou-se aumento dos envios para a Argentina e para o Egito, o que pode ter sido resultado de um esforço para diversificar os destinos das exportações brasileiras diante da insegurança que representa atualmente o mercado americano. O setor exportador de castanha de caju foi um dos setores mais afetados pela política tarifária dos Estados Unidos em 2025.

Tabela 4 – Exportações brasileiras de castanha de caju

Produto	Unidade territorial	Toneladas			Part (%)	Mil US\$			Part (%)
		2023	2024	2025		2023	2024	2025	
Amêndoas de castanha de caju	Ceará	10.871	6.783	10.164	93,8	62.039	39.459	66.411	93,9
	Rio G. do Norte	1.017	697	544	5,0	5.646	3.776	3.256	4,6
	Brasil	12.012	7.555	10.836	100,0	68.592	43.854	70.713	100,0
Castanha com casca	Ceará	-	-	5.664	97,7	-	-	4.864	95,9
	Rio G. do Norte	-	-	134	2,3	-	-	180	3,5
	Brasil	1	1	5.799	100,0	13	15	5.069	100,0

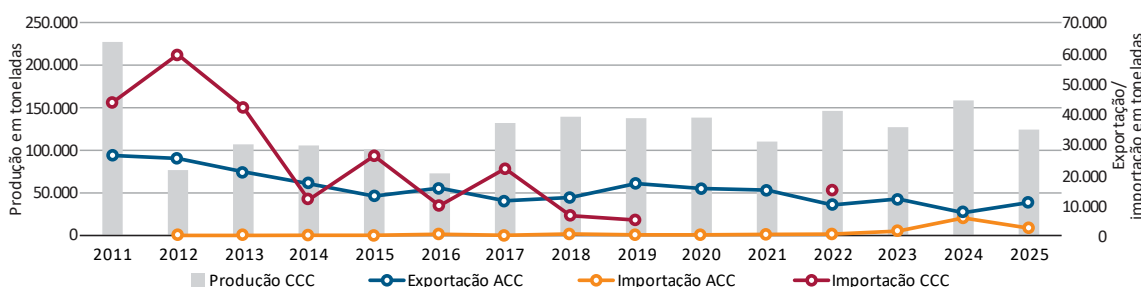
Fonte: MAPA/AGROSTAT (2026)

Nos anos em que a produção interna não é suficiente para atender a demanda das indústrias processadoras, há um incremento no volume das importações de castanha in natura que é beneficiada e exportada como amêndoa (Brainer, 2022).

Entre 2011 e 2019, as importações de castanha de caju com casca foram predominantes em grande parte dos anos, provavelmente em decorrência da quebra de safra no Nordeste causada pela seca, o que levou a indústria a recorrer às importações.

Com a o aumento da oferta, as importações de castanha de caju com casca foram nulas em 2020 e 2021. Contudo, nesse último ano houve uma queda de 21% na produção nordestina, o que levou à retomada das importações desse produto em 2022. Desde então, têm ocorrido apenas importações de amêndoas de castanha de caju (**Gráfico 2**).

Gráfico 2 – Evolução da produção, importações e exportações de castanha de caju pelo Nordeste entre 2011 e 2025



Fonte: IBGE (2026); MAPA/AGROSTAT (2026)

CCC- Castanha de caju com casca; ACC – Amêndoa de Castanha de Caju

A Costa do Marfim e Gana são as principais origens das importações brasileiras de castanha de caju, tanto com casca quanto na forma de amêndoas. Os maiores importadores são os estados do Ceará e do Rio Grande do Norte (**Tabela 5**), onde está concentrada a indústria de processamento.

Tabela 5 – Importações brasileiras de amêndoa de castanha de caju

Unidade territorial	Toneladas								
	2023	2024	2025	Part (%)	(Var %)	2024	2025	Part (%)	(Var %)
Nordeste	1.427,1	5.779,8	2.433,2	100,0	(57,9)	15.064,8	8.485,4	99,9	(43,7)
Ceará	1.019,9	5.638,8	1.088,2	44,7	(80,7)	14.639,9	3.326,9	39,2	(77,3)
Rio G. do Norte	375,4	125,2	1.281,5	52,7	923,6	370,0	4.732,2	55,7	1.178,9
Brasil	1.427,1	5.827,6	2.433,7	100,0	(58,2)	15.263,3	8.493,3	100,0	(44,4)

Fonte: MAPA/AGROSTAT (2026).

5 Tendências e Perspectivas

O mercado mundial para castanha de caju está se expandindo em decorrência da crescente demanda por lanches saudáveis, por alimentos sem lactose e veganos, pois os consumidores precisam suprir suas necessidades proteicas na ausência de proteínas animais e lidar com a intolerância à lactose.

Entretanto, o Brasil vem perdendo, de forma contínua, competitividade frente aos principais produtores e exportadores mundiais.

Na África Ocidental, região onde a produção de castanha de caju se encontra concentrada atualmente, persistem desafios logísticos e relacionados ao controle de qualidade. Entretanto, as condições favoráveis de cultivo, o crescente investimento em instalações de processamento e a adoção de incentivos governamentais, tendem a favorecer o crescimento da produção e da competitividade dos países africanos, em especial da Costa do Marfim.

Além disso, para manter um fornecimento constante, preços estáveis e reduzir a dependência do fornecimento asiático, empresas europeias instalaram unidades de produção e beneficiamento em países africanos.

No Brasil, a produção de castanha de caju está se recuperando lentamente após as perdas ocorridas durante a seca que se iniciou em 2012. As expectativas para os próximos anos são de que a área plantada continue a se expandir, embora de forma lenta, com o plantio de cajueiro-anão.

A expansão da área cultivada com cajueiro-anão tende a aumentar a produtividade média na região. Entretanto, persistem entraves como a baixa capacidade de processamento e a reduzida rentabilidade, uma vez que a receita ainda é quase totalmente proveniente da comercialização da castanha. Embora o Brasil disponha de diversas tecnologias para o beneficiamento do caju, a adoção efetiva dessas inovações depende da criação de mercados para seus derivados e da capacitação dos produtores.

Enquanto a cajucultura brasileira permanecer majoritariamente direcionada ao mercado de amêndoas e prevalecer a exploração de cajueiro comum, a tendência de declínio da produção poderá se manter, visto que a renda proveniente exclusivamente da comercialização da castanha não é suficiente para que o produtor realize a manutenção adequada de seus plantios.

Os cultivos no Nordeste são predominantemente de sequeiro e, portanto, susceptíveis a eventos climáticos extremos, como secas, que tendem a se tornar cada vez mais frequentes em decorrência das mudanças climáticas em curso.

Com relação aos preços, são esperadas maiores flutuações em 2026. Os maiores custos logísticos, decorrentes dos conflitos no oriente Médio, podem resultar em aumentos significativos dos preços no mercado internacional, pois além de pressionar os preços do petróleo e dos fertilizantes, esses conflitos têm prejudicado o fluxo de mercadorias pelo Canal de Suez, rota utilizada pelo Vietnã para o envio de amêndoas de castanha de caju à Europa. Considerando que o Vietnã é o maior exportador mundial desse produto, qualquer elevação nos custos de transporte tende a impactar diretamente os preços globais.

O Acordo Mercosul-União Europeia tende a aumentar a competitividade da castanha de caju brasileira no mercado europeu no médio prazo.

Sumário Executivo – Cajucultura

Considerações gerais: cenário mundial, produção nacional	O cenário mundial permanece marcado por fortes incertezas comerciais e políticas, decorrentes de conflitos armados, polarizações políticas e eventos climáticos extremos. A guerra no Oriente Médio tem prejudicado o fluxo de grandes volumes de petróleo e gás, provocando forte elevação dos preços da energia e dos combustíveis em escala global, o que deverá afetar a atividade econômica e a pressionar a inflação mundial. No caso do Brasil, os impactos do conflito já refletem no cenário econômico, com alterações nas projeções para o câmbio, a inflação, a taxa Selic e o desempenho do setor produtivo, podendo se intensificar à medida que os conflitos se prolonguem.
Política cambial	O regime cambial vigente no Brasil é o flutuante, mas, por sofrer intervenções do Banco Central, é denominado “flutuante sujo”. A escalada das tensões no Oriente Médio no início de 2026 tem gerado volatilidade no mercado de câmbio, refletindo a aversão ao risco global.
Ambiente político-regulatório	Não existe regulamentação no que diz respeito ao mercado; os preços são determinados pelas condições de oferta e demanda. A regulamentação do setor está voltada, principalmente, para aspectos sobre fitossanidade, produção de mudas, zoneamento e rastreamento, definidos pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) e pelas agências estaduais de defesa sanitária. Seguem alguns exemplos: <ul style="list-style-type: none"> • Exigência de Permissão de Trânsito de Vegetais (PTV) ou Guia de Trânsito Interna de Vegetais (GTIV), emitido pelos órgãos estaduais de defesa sanitária para acompanhar o trânsito de plantas ou produtos vegetais com potencial de veicular pragas. • Instrução Normativa 10/2003. Normas Técnicas Específicas para a Produção Integrada de Caju - NTE-PI Caju. • Lei Nº 12.659 de 26/03/2026. Política Estadual de Incentivo à Produção, Processamento, Comercialização e Consumo dos Produtos da Cajucultura do Rio Grande do Norte. • Regulamentações estadual e federal sobre o uso, produção, consumo, comércio e armazenamento de defensivos agrícolas.
Meio ambiente - efeito das mudanças climáticas	As condições extremas de clima tendem se acentuar com possibilidade de ocorrência de secas mais severas e ondas de calor, aumentando o risco de perdas agrícolas.
Nível de organização do setor (existência de instituições de pesquisas específicas para setor, existência de associações etc.)	O nível de organização dos pequenos produtores de castanha de caju ainda é baixo; entretanto, com o apoio de instituições, como a Embrapa e o Sebrae, tem se fortalecido. No Ceará, destaca-se a Central de Cooperativas COPACAJU ² , que reúne sete cooperativas singulares associadas. Na Bahia, atua a COOPERACAJU ³ ; no Piauí, a Central de Cooperativas COCAJUPI ⁴ ; e, no Rio Grande do Norte, sobressaem a COOPERCAJU ⁵ e a COAFARN ⁶ . Vale ressaltar o papel estratégico da Embrapa para o fortalecimento do setor, uma vez que a instituição atua na implantação de minifábricas de beneficiamento de castanha, no melhoramento genético da cultura e na geração de tecnologia voltadas ao aproveitamento e ao beneficiamento do pedúnculo e da castanha.
Perspectivas para o setor (expansão, estável ou declínio e perspectiva de se manter assim no curto, médio ou longo prazo)	Diante do cenário de incertezas climáticas, não se espera expansão da área destinada à cajucultura em 2026 na área de atuação do BNB. Os cultivos de sequeiro podem inclusive apresentar menor produtividade caso se consolide o quadro de chuvas abaixo da média. Já o Acordo Mercosul-União Europeia deverá aumentar a competitividade das frutas brasileiras no mercado europeu no médio prazo.

Referências

Autentika Global. **O potencial do mercado europeu para castanha de caju**. Última atualização: 25 de janeiro de 2024. Disponível em: <<https://www.cbi.eu/market-information/processed-fruit-vegetables-edible-nuts/cashew-nuts/market-potential>>. Acesso em: 03 de março de 2026.

BRAINER, M.S.de C. P. **Cajucultura**. Caderno setorial ETENE. Ano 7. Nº230. Junho de 2022. BNB/ETENE. Disponível em: <<https://www.bnb.gov.br/revista/cse/article/view/2819>>. Acesso em: 12 de mar. de 2026.

ASSOCIAÇÃO DE CASTANHA DE CAJU DO CAMBOJA. CAC. **West Africa Cashew Outlook Signals Tougher 2026 Season as Global Competition Intensifies**. 28/02/2026. Disponível em: <<https://cac-camcashew.org/news/west-africa-cashew-outlook-signals-tougher-2026-season-as-global-competition-intensifies>>. Acesso em: 05 de mar. 2026.

2 Central de Cooperativas Copacaju.

3 Cooperativa dos Cajucultores Familiares do Nordeste da Bahia.

4 Central de Cooperativas de Cajucultores do Estado do Piauí

5 Cooperativa dos Beneficiadores Artesanais de Castanha de Caju no Rio Grande do Norte.

6 Cooperativa Central da Agricultura Familiar.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Conab. **Séries históricas das safras. Cana-de-açúcar. Indústria.** Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras>>. Acesso em: 18. mar. 2026.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Embrapa. **Ceará inaugura novas minifábricas de beneficiamento de caju.** 22/08/2025. <<https://www.embrapa.br/en/busca-de-noticias/-/noticia/17982524/ceara-inaugura--novas-minifabricas-de-beneficiamento-de-caju>>. Acesso em: 27 de mar. de 2026.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO (FAO). FAOSTAT. **Base de dados.** Divisão de Estatística. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/download/Q/QC/E>>. Acesso em: 10 fev. 2026.

ÍNDIA BRAND EQUITY FOUNDATION (IBEF). **Cashew Industry and Exports. India's cashew exports in FY25 stood at US\$ 337.14 million.** Dez. 2025. Disponível em: <<https://www.ibef.org/exports/cashew-industry-india#:~:text=Introduction,hub%20for%20the%20cashew%20industry>>. Acesso em: 05 de mar. de 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção Agrícola Municipal.** Rio de Janeiro, 2026. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp?o=27&i=P>>. Acesso em: 10 de mar. de 2026.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA (Mapa). Estatística do comércio exterior brasileiro. MAPA/AGROSTAT. **Base de dados.** Disponível em: <<https://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/AGROSTAT.html>>. Acesso em: 13 de mar. de 2026.

MUNDUS AGRI. **Caju: melhores perspectivas do que no ano passado.** 21 jan. 2026. Disponível em: <[Caju: melhores perspectivas do que no ano passado - Mundus Agri](#)>. Acesso em: 05 de mar. 2026.

Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

Conheça outras publicações do ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>